

“GEMIDOS DE UMA ARTE”: ARTICULAÇÕES EXISTENCIAIS SOBRE A TAREFA POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Rafael Omar Nachabe

Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC), Graduando em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA)
rafaelomar.nachabe@urca.br

Augusto dos Anjos (1884-1914) é o foco dessa pesquisa. Sendo conhecido amplamente por seu livro de poesias “Eu” e por sua originalidade, formou-se uma bem constituída fortuna crítica especializada em sua obra. Percebe-se em alguns desses estudos, dificuldades na demarcação das fronteiras de sua obra (autor, escola literária, influências) para exata interpretação; fato esse percebido nos biografismos exacerbados já escritos sobre o autor paraibano. Busca-se, portanto, investigar seu *corpus* de poesias como labor de expressão existencial articulando os aspectos fronteiriços à sua poética com as vozes que emergem do texto. Pode-se interpretar a poesia como documento ou como fato linguístico (COMPAGNON, 1999), assim, a integração é buscada ao investigar a curta obra de Augusto. Os elementos contextuais são trabalhados lado à materialidade textual em busca da sedimentação dos “gemidos” inscritos. A poética é tomada como característica própria a qualquer poeta, bem como, manifesto laboral explicitado pelo próprio autor. A última acepção, enfatizada aqui, diz respeito ao modo como o autor legitima seu discurso e qual *telos* busca. Nas fronteiras autorais percebe-se a existência do sujeito biográfico e do(s) sujeito(s) construído(s) poeticamente. Desse embate bilateral surge uma “máscara lírica” que pode transitar livremente entre ambos (FIGUEIREDO, 2012). O autor paraibano forjou uma máscara sobre a qual intencionalmente alicerçou sua tarefa poética. A outra fronteira a ser notada é a da escola literária historicamente demarcada. Analisa-se o autor conectando-o ao Expressionismo (ROSENFELD, 2006). O poeta trabalha a linguagem em busca do acúmulo de tensão e escape das formas estéticas já estabelecidas. Dessa investigação surge a hipótese de um dualismo estrutural: primeiro como rompimento estético do Parnasianismo. Segundo, considerando a poética anjiana como grito autêntico de uma existência angustiada. No desamparo humano diante do universo que envelhece e morre, a formulação poética de tais dores foi necessária.

Palavras-chave: Poética. Existencial. Máscara. Expressionismo. Angústia.